

CADERNOS

AH!

#15



**WOKE É CORTINA
DE FUMO**

Pedro Schacht Pereira

Woke é cortina de fumo

Pedro Schacht Pereira

Paginação: Fernando Ramalho

Imagem da capa: Do site <https://sppo.osu.edu/people/pereira.37>.

Pedro Schacht Pereira é professor universitário na The Ohio State University

Maio de 2024

www.muralsonoro.com
muralsonoro.info@gmail.com

Começo por evocar a conversa informal que protagonizei em junho de 2023 no AH! a convite da Soraia Simões de Andrade, dedicado ao tema «A censura da linguagem e as linguagens da censura: ecos portugueses das guerras culturais». Eu havia recentemente sido entrevistado pela jornalista Isabel Lucas (*Público*) para uma reportagem que ela publicara em maio sobre o mesmo tema e cuja leitura recomendo (<https://www.publico.pt/2023/05/26/culturaipsilon/noticia/woke-alterar-livros-ruído-tempo-processo-transformacao-curso-2050777>), e já então algumas coisas se tornavam evidentes para mim: todo o clamor que nos meses anteriores se ouvira sobre decisões de logística em bibliotecas públicas

do Reino Unido sobre os livros de Enid Blyton, ou sobre as peripécias em torno da tradução para neerlandês dos poemas da poeta negra norte-americana Amanda Gorman, ou mesmo sobre as decisões comerciais sobre revisão da linguagem em livros de Roald Dahl, havia misteriosamente cessado perante atos da mais ostensiva censura política em bibliotecas e escolas dos Estados Unidos em estados de maioria republicana. Quem tivesse estado atento saberia que a cruzada «anti-woke» nasceu enquanto tal como uma estratégia de resposta da direita trumpista às manifestações antirracistas em repúdio do assassinato de George Floyd em 2020, que geraram solidariedade inter-racial sem precedente por todo o país. Antes de viajar para Portugal no verão passado, passei todo um dia na Câmara da Legislatura Estadual do estado do Ohio, em Columbus, onde, juntamente com várias dezenas de colegas docentes universitários e estudantes, mas também sindicalistas, jornalistas e dirigentes associativos de várias ONG para os direitos humanos, esperei a minha vez para prestar depoimento contra um projeto de lei que o Partido Republicano procura implementar em todos os estados onde detém maioria legislativa e que impõe o controlo político e ideológico direto sobre as universidades, incluindo decisões sobre o conteúdo dos currículos em diversas disciplinas (disciplinas sobre as quais os proponentes não têm qualquer

tipo de formação ou qualificação científica). O projeto de lei em questão é igual ao que foi apresentado e passou em estados como a Florida ou o Texas, elaborado por um *think tank* hiperconservador. Até ao momento em que escrevo, o projeto não foi aprovado no Ohio, em virtude da resistência cerrada que professores, estudantes e pais têm promovido, tantas vezes com o custo de horas de trabalho perdidas, e não obstante o facto de os republicanos terem no estado uma maioria à prova de veto. Isto demonstra o quão tóxico é o projeto de lei, que faz com que alguns congressistas estaduais republicanos tenham a ira popular mais do que a ira dos fanáticos MAGA que os colocaram no poder, e assim se recusam a aprová-lo. Não nos iludamos, porém. À menor distração ou sinal de desmobilização, o projeto será aprovado.

Evoco a conversa do verão passado e aquilo que me ocorreu pensar no seu rescaldo, porque creio que é importante partilhar o contexto norte-americano de onde se diz que as guerras culturais ou o «wokismo» derivam. Mas é o contexto português que é peculiar, apesar de nele se reproduzir também, e de forma visível, o que noutros se verifica: não só as ditas guerras culturais têm sucesso, como as coordenadas parecem estar trocadas. Com efeito, é comum encontrar-se mesmo à esquerda do espectro político a denúncia de tudo o

que é «woke», sem que se aparente ter a consciência de que o termo corresponde hoje a um espantalho criado pela direita trumpista para alimentar a máquina do ressentimento e, sobretudo, confundir a ordem do discurso, lançando a desconfiança sobre as instituições tradicionalmente criadas para assegurar a sua legitimidade: as universidades, principalmente. Por isso tem sido possível ler, em caixas de comentários de órgãos de comunicação social ou redes sociais, que «as universidades americanas», quais cruzadas da era moderna, foram compradas pela Arábia Saudita para veicular discurso antiocidental! Lê-se até coisas mais descabeladas, sendo o despautério o meio e o fim último das ditas guerras. E falta fazer a reflexão que ajude a explicar por que razões todo o espectro político é vulnerável a esta estratégia, e que a esquerda tenha sido tornada incapaz de descodificar cavalos de Troia. Na verdade, não falta quem tenha escrito coisas relevantes sobre o assunto, mas faltar promover debates em que o que se discuta sejam factos e não apenas percepções, arrolando as referências necessárias e trazendo-as para o debate. Um problema óbvio com o discurso «anti-woke» é a sua incapacidade de identificar as características básicas de um movimento: onde é a sede do «Woke»? Quem são os seus líderes? Quais são os recursos financeiros de que vive e como se difunde? Presumo que estas perguntas tenham res-

postas muito imaginativas, mas nunca factuais. Já identificar os promotores e porta-vozes dos movimentos «anti-woke» é possível e tem sido feito, mas não tanto pelos meios de comunicação social que, no nosso tempo, apenas aparentam interessar-se pelo efeito de controvérsia, mas não pela partilha de informação verificada.

A outra razão por que pensei que faz sentido mencionar o contexto norte-americano é porque, a partir dele, é possível vermos como, um ano depois, estamos já numa outra fase: uma coisa é ninguém parecer indignar-se porque em diversos estados do país a censura pura e dura passou a ter força de lei; outra coisa é que, após Trump, tenhamos uma administração democrata que, a reboque/em consequência da guerra que alimenta no Médio Oriente, em que Israel funciona como seu capataz, esteja apostada em (ou pelo menos não pareça muito incomodada com) transformar os campus universitários uma vez mais em cenários de guerra. De facto, e à medida que o ano letivo corrente se aproxima do fim, as manifestações de solidariedade com a Palestina têm-se espalhado por todo o país, com destaque para aquelas universidades que foram alvo de uma audição no Congresso sobre antissemitismo, promovida por congressistas representantes da direita trumpista (alguns dos quais conhecidos por posições antissemitas

no passado), designadamente a Columbia University (e outras como NYU, Yale, Harvard, etc.). Uma coisa que os leitores portugueses talvez não saibam, porque as televisões não os informam, é que as universidades dispõem de mecanismos disciplinares e outros que lhes permitem investigar quaisquer casos de discurso de ódio, incluindo o antissemitismo e a islamofobia. No entanto, o que temos visto nos últimos dias, e à medida que as manifestações crescem e se espalham pelo país, é que as administrações universitárias, cujo poder tem crescido vis-à-vis o dos corpos docente ou discente nos últimos dez anos, recorrem à polícia e à repressão automática do discurso, prendendo estudantes e professores e optando por não usar dos mecanismos processuais que têm à sua disposição. Isto demonstra, entre outras coisas, que o poder que se exerce nas universidades vem hoje de fora, da classe dos mecenas, e basta estabelecer a linha direta entre estes e a ocupação da Palestina e o apoio americano ao governo de Netanyahu. E sugere também o quanto a universidade é hoje já uma outra instituição onde prevalecem valores e interesses distintos dos que informaram e presidiram à sua metamorfose no século XIX numa companhia indispensável da democracia e da cidadania.

Assim, e ao contrário do que muitos poderiam pensar, o discurso e as ações «anti-woke» não são hoje promovidos apenas pela direita, vemos que nos Estados Unidos o centro está

muito investido em surfar essa onda, talvez não por estratégia inicial mas por reação à perda de influência de Israel e às críticas crescentes à administração Biden e a sua dependência da guerra na esfera da política externa. A meses de um processo eleitoral uma vez mais decisivo para o futuro da democracia, Biden arrisca-se a perder por completo o apoio eleitoral que recebeu em 2020, e assim a dar de mão beijada ao poder cínico que diz querer combater. Pior, os acontecimentos atuais evocam muito o ambiente e a violência da repressão ao movimento anti-Vietname, que teve um dos seus pontos altos nos protestos à Convenção Democrata de 1969 em Chicago.

Sem dúvida, este é um tema que merece mais reflexão e debate, pois nele se cruzam questões sobre o papel da tecnologia das comunicações, da democracia e do capitalismo na sua era algorítmica, da concentração e retração/cooptação dos media, da reação dos eleitorados às crises do *sub-prime* e das dívidas soberanas, e da perda de poder dos executivos eleitos face ao poder financeiro. Um mundo em mudança acelerada requer a invenção de novas linguagens e metalinguagens do político, sendo que este tema me parece constituir um ângulo privilegiado para compreensão do que está em mudança, nomeadamente em relação às categorias tradicionais de direita, centro e esquerda.

AH!

Associação Mural Sonoro

Cç. Santana, 169

1150-303 Lisboa